



# A PEDAGOGIA DA HOSPITALIDADE E AS SUAS POTENCIALIDADES

Débora Simeão Ortman Pereira <sup>1</sup>

Arthur Vianna Ferreira <sup>2</sup>

## RESUMO

No plano educativo, o Brasil enfrenta diversos desafios relacionados a prática e também aos conflitos existentes na sociedade. Conflitos estes, que também adentram nos espaços escolares e reproduzem as mais variadas formas de violência. Porém se há sempre novos desafios e conflitos a serem resolvidos, sempre há também novas Pedagogias que chegam não para anular saberes e práticas pedagógicas já existentes, mas que se apresentam como novas formas de fazeres pedagógicos, e assim criam novas pontes de diálogos e alcance. Dessa forma o objetivo deste trabalho de Fundamentação Teórica é de expor as potencialidades existentes na Pedagogia da Hospitalidade (BAPTISTA, 2005) frente aos desafios existentes na Educação Brasileira no que se refere a diversidade cultural e as formas de convivência. A Pedagogia da Hospitalidade é pautada em marcos reguladores de respeito em relação à alteridade e as formas de relação com o outro. Para Isabel Baptista (2005), uma das grandes características da contemporaneidade é a coexistência das múltiplas heranças culturais, religiosas e filosóficas. Dessa forma, a Pedagogia da Hospitalidade traz grandes contribuições sobre a forma que valorizamos e nos relacionamos com o outro, visando a valorização da dimensão cultural de cada sujeito, e assim construindo possibilidades para uma convivência democrática.

**Palavras-chave:** Hospitalidade, Educação, Cultura, Sociedade, Pedagogia.

## INTRODUÇÃO

Durante o século XV, a humanidade presenciou o período de ocidentalização do mundo. Dentro de um processo histórico de colonização da África, da América e da Ásia. Hoje, os fundamentos históricos da globalização econômica e cultural atual se encontram na imposição do etnocentrismo ocidental, uma visão de mundo e um modelo ocidental de sociedade que se mantém por meio da dominação colonial. Na sociedade contemporânea, essa dominação trouxe consequências sobre a forma de lidar com a diversidade cultural existente na sociedade:

Antes, a modernização; hoje, a globalização. Ambas impõem um “modelo de cultura único” em detrimento da diversidade cultural. A pretendida universalidade da cultura ocidental veicula um modelo de sociedade que induz as “outras culturas” a recuperarem seu “atraso” por meio desses processos de abertura ao progresso, à modernização e à globalização. (PIERONI; FERMINO; CALIMAM, 2014, p. 14).

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de **História** da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, [Ortmanffp18@gmail.com](mailto:Ortmanffp18@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor efetivo da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, [Arthuruerjffp@gmail.com](mailto:Arthuruerjffp@gmail.com)



Hoje, dentro do fenômeno que é globalização, que contribui para a diluição dos limites entre o nacional e o internacional, a porosidade entre realidade interna e externa dos Estados, passagem do internacional para o transnacional, a diminuição das distâncias geográficas (VIOLA apud IORIS, 2007. p.42), nota-se que o contato entre as diversas culturas se multiplicou. Porém esse contato nem sempre é receptivo ou amistoso.

A sociedade contemporânea, nesse contexto, ainda reproduz um pensamento predominante e individualista, onde são postos a mesa, os direitos individuais ou grupais específicos. Essa imposição absoluta dos direitos individuais, contribui para que os riscos de violência cresçam. Violências estas que se revelam das mais variadas formas possíveis, que contribuem para a rejeição do outro. Para além da *violência direta*, que é caracterizada pela “agressão física direta, a violência ‘tradicional’, a mais facilmente reconhecível” (JARES, 2007, p. 32), são comuns os exemplos de violências *estruturais* e *culturais* exemplificadas por fenômenos sociais como o racismo, o machismo, a homofobia, a fome, a falta de acessos à serviços básicos, as desigualdades socioeconômicas, etc. Se tratam de violências que se revelam de forma direta, estrutural e também de maneira cultural. Para além da primeira – que já explicamos –, cabe melhor definir as duas últimas. O conceito de violência estrutural, de acordo com Galtung, traz grande relevância às pesquisas dos estudos da paz; como dito pelo autor: “A violência é construída na estrutura e aparece como poder desigual e, conseqüentemente, como chances de vida desiguais.” (GALTUNG, 1969, p. 171). Sobre a violência cultural, Galtung afirma:

Por violência cultural nos referimos a aqueles aspectos da cultura, da esfera simbólica da nossa existência – materializado na religião e na ideologia, na linguagem e na arte, na ciência empírica e na ciência formal (a lógica, as matemáticas) – que podem ser utilizadas para justificar ou legitimar a violência direta ou a violência estrutural (...) A violência cultural faz com que a violência direta e a estrutural apareçam e se percebam, como carregadas de razão, – ou, ao menos, que sintam-se que não estão equivocadas. (GALTUNG, 2016, p. 149).

Nesse cenário, crescem os riscos que pesam sobre a humanidade, de modo especial o risco de alastramento da rejeição do outro. As formas de violências expostas, atravessam também os espaços Escolares. Sendo a escola parte integrante e contextualizada da sociedade, observamos que diferentes manifestações de preconceito, discriminação, diversas formas de violência – física, simbólica, bullying – homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero, exclusão de pessoas deficientes, entre outras, estão presentes na sociedade, assim como no cotidiano das escolas (CANDAU, 2012, p. 236). Hoje, o processo educativo consiste na



criação e no desenvolvimento de contextos educativos, e não simplesmente na transmissão de conteúdos disciplinares especializados. Com isso, trabalha-se com uma concepção de educação, como ambiente que integra diferentes sujeitos e seus respectivos contextos culturais.

Dessa forma, tão importante quanto a integração dos sujeitos, é a interação e a convivência entre eles. Para Pieroni; Fermino; Caliman (2014, p. 30), viver no novo oceano das culturas exige competências específicas. Mediante isso, dentro dos processos educativos, há cada dia mais a necessidade de modelos Pedagógicos que visem buscar melhores formas relacionais dos indivíduos e de suas Culturas. Por isso, esse trabalho tem como finalidade apresentar a Pedagogia da Hospitalidade e suas potencialidades frente aos desafios relacionados ao convívio e a diversidade social e cultural.

A descoberta desse “outro” é útil à descoberta de si, que possibilita uma relação de proximidade, de protagonismo frente a intolerância, a passividade, o quietismo se configurando como cultura de paz. Ou seja, essa paz acontece quando as pessoas se relacionam, mas respeitam umas às outras, seus espaços, seus silêncios, etc. (BAPTISTA, 2005, p. 46).

A Pedagogia da Hospitalidade chama para o centro das relações Pedagógicas, questões pertinentes relacionadas a Alteridade. Como tão bem destaca Baptista: “Face a outra pessoa estamos sempre a aprender. Relacionarmo-nos com outro ser humano significa entrar em contato com outras vivências, outras memórias, outras mágoas, outros sonhos” (2005, p. 62). Diante disso, a Pedagogia da Hospitalidade, pautada em um conjunto de normas que moldam e regulam a forma que nos relacionamos e convivemos com o outro, nos convida para um processo de abertura ao outro, um outro que se diferencia com sua cultura e vivência, mas que assim como nós, é portador também de direitos e deveres. Um dos pontos iniciais que formam a Pedagogia da Hospitalidade, se trata sobre a crença positiva da Alteridade. Dentro das esferas educacionais, a alteridade também se torna essencial. Diante disso, nota-se que mais importante que a forma que equacionamos a relação com outro, é a concepção que temos sobre o outro:

A forma que equacionamos a relação com os outros depende muito da concepção de “outro” que tivermos em referência. O outro é uma ameaça, um inimigo em potencial, alguém que simplesmente toleramos, ou pelo contrário, é alguém que só por efeito da sua entrada na esfera da nossa mesmidade, representa uma mais-valia, uma ocasião de enriquecimento pessoal? (BAPTISTA, 2005, p. 45).

Hoje, embora predomina-se o pensamento individualista da modernidade, que perpetua a ideia de que “o seu direito acaba onde começa o do outro”, a crença positiva sob a alteridade nos convida não somente a romper com o pensamento individualista, mas também a assegurar um convívio onde o outro não é visto mais como um limitador de liberdade. Uma verdadeira



hospitalidade é crucial a abertura à *alteridade*. A hospitalidade implica numa partilha de vivências e na criação de vínculos sem desconfiança e reservas. Conviver é preciso e acolher é mais que necessário. Obviamente não se trata de reduzir ou negar os sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, que a convivência com o outro pode gerar. Baptista (2005) afirma, que o processo de convivência é gerador de diversos sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Porém, embora a prática de abertura possa resultar desassossego e risco, tal medo pode explicar uma vulnerabilidade, mas nunca um ato de violência:

Enquanto prática de convivência, a paz não se confunde com atitudes de tolerância passiva, com indiferença, com conformismo e quietismo (...) a paz começa no movimento que rompe com o egoísmo e a auto-suficiência, traduzindo-se no prazer do encontro, na atenção, no cuidado e na ação solidária. Sem esquecer que aprender a conviver passa também pelo aprender a respeitar os espaços de solidão e de privacidades... (BAPTISTA, 2005, p. 47).

A Pedagogia da Hospitalidade, não apela para um “negacionismo” sobre os *conflitos* que a convivência e o encontro com o outro pode proporcionar. Já para Baptista, a concepção que temos do outro no nosso espaço é crucial para uma verdadeira prática de hospitalidade. Conviver e ser hospitaleiro passa pelo ato de entender que a pluralidade que há no outro não nos anula, mas reafirma e reinventa o que nós somos. Hoje, uma das grandes características da contemporaneidade é a coexistência das múltiplas heranças culturais, religiosas e filosóficas. E sobre isso, Baptista diz: "Julgamos que é aí que reside uma das grandes tarefas da ética e da educação, a de promover o respeito em relação ao que nos preexiste, ao que nos é dado e transmitido-ensinado." (2005, p. 36). Dessa forma, diante da diversidade cultural existente na sociedade, pontuamos a necessidade de práticas regulem as formas e maneiras que nos relacionamos com outro. Por isso, este trabalho irá expor as potencialidades das Pedagogia da Hospitalidade frente os desafios de convivência e da diversidade cultural.

## **METODOLOGIA**

A metodologia aqui a ser utilizada, será uma análise sobre a fundamentação Teórica da Obra “*Dar ao Rosto ao futuro*” da Professora Portuguesa, Isabel Baptista (2005). A partir dessa obra, faremos exposições de suas potencialidades para práticas educativas de convivência e hospitalidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Toda educação tem a que ver com a realidade para a qual está orientada. De fato, não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa”, assim como “não é possível conceber uma experiência pedagógica ‘desculturalizada’, isto é, desvinculada das questões culturais da sociedade” (CANDAUI, 2008, p.13).

A Pedagogia da Hospitalidade, ao pautar as formas de relações com o outro, numa crença positiva da alteridade, nos convida a trazer para o processo educativo, fatores importantes como o acolhimento, a escuta e o diálogo. A acolhida representa o respeito a diversidade, que vem acompanhado da tolerância, aceitação, respeito e solidariedade. Já a escuta é fundamental, pois cada um passa a reconhecer a sua existência, quando os outros também dão conta da presença. Trata-se de uma escuta autêntica da vida e de seus processos.

E o diálogo reafirma a superação de muros individualistas e permite que ambos espaços se tornem mais ricos pelas mais variadas culturas e formas de viver. A aceitação e o reconhecimento da diversidade cultural que há, permite que novos laços de partilhas se estabeleçam, onde cada um reconhece a identidade do outro, mas conjuntamente, se tratam em condições de pares. Diante disso, falamos da necessidade de uma experiência de hospitalidade, onde através da abertura, o outro se sinta acolhido e confortável, e a partir disso, crie vínculos sem desconfianças e reservas. A hospitalidade implica numa experiência que vai além de abrir a sua casa para outro, mas também se atrela a uma partilha de mundo e vivências diferentes que se cruzam:

Seja em que circunstância for tratar alguém como hóspede significa que aceitamos recebê-lo nos nossos domínios, na nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e do que possuímos, sem que isso represente uma perda de poder sobre as nossas coisas (...). Por outro lado, o nosso canto fica mais rico pela novidade que, entretanto, o habitou. (BAPTISTA, 2005, p. 49).

Vemos a essencialidade de não apenas coexistir, mas também de conviver. O acolhimento exige uma abertura por inteiro, e, embora tal abertura possa impor graus de instabilidade e perturbação, denota-se que sem tais perturbações e sem a possibilidade de abertura, se torna impossível falar de desenvolvimento.

O acolhimento possibilita, através da proximidade, um combate à intolerância e o quietismo, propiciando uma vivência democrática atrelada à cultura da paz. Entendemos que essa paz de fato existe não somente quando as pessoas se relacionam, mas à medida que



respeitam os seus espaços e também os seus silêncios. Mediante isso, a cortesia surge como uma prática da hospitalidade, no qual permite que o outro seja acolhido.

A importância do acolhimento se revela na valorização de todas as dimensões de vivências e culturas. Vale destacar que a abertura para o outro e o acolhimento não representa a perda de si mesmo, pelo contrário, através dessa abertura nosso canto se torna mais rico pela novidade oferecida por quem adentrou nele. A prática da hospitalidade requer acolhimento, porém, cabe a ressalva que a sensibilidade pedagógica não deve ser confundida com amor ou com outro sentimento que apele para um sentimentalismo. Embora, para essa perspectiva, a relação pedagógica não possa se desenvolver num espaço de frieza, tais sentimentos constituem uma lógica que não pertencem a ética profissional docente. O respeito pela dimensão cultural que há em cada indivíduo começa pelo modo que valorizamos esse indivíduo. O respeito pelo que nos pré-existe, não somente potencializa as relações, mas também valoriza o educando juntamente com sua memória e vivência, no que se refere à educabilidade.

A prática da hospitalidade é essencial para que a valorização da dimensão cultural de cada sujeito seja respeitada, pois somente ela garante que a entrada do outro no nosso espaço, aconteça sem desconfiança e medo, onde sua bagagem com sua vivência seja vista não como um obstáculo pedagógico, mas como uma nova possibilidade de potencializar o ato de ensinar, e preparar indivíduos para uma cidadania plena, reafirmando que somos portadores de direitos e deveres, em relação a sociedade e ao outro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, promulgada pela UNESCO (2002), reconhece como a diversidade cultural representa, para o gênero humano, uma dimensão tão necessária quanto a dimensão da diversidade biológica representa para a natureza. Reconhece, também, a importância da interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais e de políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos, garantindo a coesão social (UNESCO, 2002).

A consciência de ser-presente no mundo, no sentido apontado por Paulo Freire, de acordo com Baptista (2005), é inseparável da consciência de que não estamos sozinhos no mundo. A partir do reconhecimento da pluralidade existente, Baptista reafirma a necessidade de proporcionar um conjunto de exigências éticas que estejam ligados às necessidades e aos desejos de conviver em comunidade com os outros. Tais exigências, segundo Baptista (2005, p. 46), “servem para nos entendermos, para comunicarmos, para participarmos, para



aprendermos”. Por isso, pautada em uma crença positiva da alteridade, a Pedagogia da Hospitalidade enfatiza a necessidade de um acolhimento e uma abertura por inteiro, e mesmo reconhecendo que, embora tal abertura possa impor graus de instabilidade e perturbação, denota-se que sem tais perturbações e sem a possibilidade de abertura, se torna impossível falar de desenvolvimento.

O acolhimento exige uma abertura por inteiro, e, embora tal abertura possa impor graus de instabilidade e perturbação, denota-se que sem tais perturbações e sem a possibilidade de abertura, se torna impossível falar de desenvolvimento. O acolhimento possibilita, através da proximidade, um combate à intolerância e o quietismo, propiciando uma vivência democrática atrelada à cultura da paz. Entendemos que essa paz de fato existe não somente quando as pessoas se relacionam, mas à medida que respeitam os seus espaços e também os seus silêncios. Mediante isso, a cortesia surge como uma prática da hospitalidade, no qual permite que o outro seja acolhido. Baptista destaca:

Falamos de uma atitude, de uma disposição em relação aos outros, que passa pelos mais simples gestos do cotidiano, como os gestos de cortesia (...) Claro que não pode ser uma cortesia apenas convencional, reduzida a rituais de comércio e de circulação de interesses. Terá que ser uma cortesia ancorada na ternura e na sensibilidade que só podem ser dado por outra pessoa. (BAPTISTA, 2005. p 48).

Para Pieroni; Fermino e Caliman (2014, p. 30), viver no novo oceano das culturas exige competências específicas: a compreensão horizontal das sociedades multiculturais e o privilégio da integração (contra a segregação), da cooperação (contra a dominação) e da acolhida (contra a competição). Dessa forma, a Pedagogia da Hospitalidade se apresenta como uma potencial ferramenta pedagógica frente aos desafios relacionados ao convívio e a diversidade cultural, onde as coexistências são possíveis sem que isso represente a perda sobre nosso domínio ou espaços.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Isabel. Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético. Porto, Portugal: Profedições, 2005.

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

FLEURI, R. M. Educação intercultural: a construção da identidade e da diferença nos movimentos sociais. Perspectiva, Florianópolis: Núcleo de Publicações/CED/UFSC, v. 20, n. 2, p. 405-423, 2002



GALTUNG, Johan. La violencia: cultural, estructural y directa. *Cuadernos de estrategia*, Espanha, n. 183, p. 147-168, 2016.

\_\_\_\_\_. Violence, Peace and Peace Research. *Journal of Peace Research*. Noruega, vol. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

\_\_\_\_\_. *Transcender e Transformar: Uma introdução ao trabalho de conflitos*. São Paulo: Palas Athena, 2006.

IORIS, Rafael Rossotto. Culturas em choque: a globalização e os desafios para a convivência multicultural. São Paulo: Annablume, 2007.

JARES, Xesús R.. Educação para a Paz: sua teoria e prática. Porto Alegre, Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. Educar para a paz em tempos difíceis. São Paulo, Palas Athena, 2007.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Convivência. São Paulo, Palas Athena, 2008.

PIERONI, Vittorio; FERMINO, Antonia; CALIMAN, Geraldo. Pedagogia da Alteridade: para viajar a Cosmópolis. Brasília: Liber Livro, 2014.

PEREIRA, Débora Simeão Ortman; LOPES, Lucas Salgueiro. CONVIVER REQUER HOSPITALIDADE: pensando modelos de práticas socioeducativas a partir dos diálogos entre as Pedagogias da Hospitalidade e da Convivência. In: FERREIRA, Arthur Vianna; LOPES, Lucas Salgueiro; DIAS, Thiago Simão (Org.). Educação, Hospitalidade e Pobreza. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

UNESCO. Declaração universal sobre a diversidade cultural. UNESCO, 2002.